

# CRISTIANISMO EXISTENCIAL: A HERMENÊUTICA DA EXISTÊNCIA CRISTÃ EM KIERKEGAARD, BULTMANN E TILLICH

Raphaelson Steven Zilse<sup>1</sup>

## RESUMO

Através da análise de três teólogos este artigo quer apresentar a hermenêutica teológico-existencial como uma das chaves com as quais a existência pode ser interpretada. Søren Kierkegaard, como “pai do existencialismo”, é o primeiro teólogo cuja preocupação central foi a existência cristã e quem estabeleceu os paradigmas com os quais tanto filósofos quanto teólogos posteriores trabalharam. Rudolf Bultmann, teólogo conhecido por seu método da demitologização, também é reconhecidamente um existencialista. Neste artigo analisaremos a relação entre sua hermenêutica sob a qual a existência é interpretada, existência que, paralelamente à Kierkegaard, é autêntica apenas a partir da fé, com seu método exegético. Por último, a interpretação teológico-existencial de Paul Tillich será analisada, mostrando seu desejo para um cristianismo existencial.

**Palavras-chave:** Existencialismo; Kierkegaard; Bultmann; Tillich.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia pela Escola Superior de Teologia - EST (São Leopoldo, RS) e bolsista CNPq, Especialista em Filosofia Contemporânea pela FACEL (2014 - Curitiba, PR) e Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia - FLT (2013 - São Bento do Sul, SC). Email: raphaelson.zilse@gmail.com.br.

## ABSTRACT

Through the analysis of three theologians, this article wishes to present the theological-existential hermeneutic as one of the keys with which existence can be interpreted. Søren Kierkegaard, as the “father of existentialism”, is the first theologian whose central concern was the Christian existence and who established the paradigm with which so many posterior philosophers and theologians would work. Rudolf Bultmann, known theologian for his demythologization method, is also a recognizable existentialist. In this article, we will analyze the relation between his hermeneutics, with which existence is interpreted, existence which, parallel to Kierkegaard, is authentic only through faith, with his exegetical method. At last, the theological-existential interpretation of Paul Tillich will be analyzed, showing his desire for an existential Christianity.

**Keywords:** Existentialism; Kierkegaard; Bultmann; Tillich.

## INTRODUÇÃO

Intrínseca à busca religiosa, filosófica ou científica está a busca pelo sentido do ser. Todavia, cada ponto de partida possui seus próprios pressupostos que orientarão não apenas a perspectiva sob a qual este ser é analisado, mas também a forma com a qual a definição do ser é expressa. Assim, a hermenêutica, a ótica sob a qual ocorre a interpretação, é fundamental para o desfecho desta busca, e, como pressuposto à hermenêutica, há o que Thomas Kuhn desenvolve como paradigma, mas, o que o filósofo Martin Heidegger já havia anteriormente desenvolvido, o *Weltanschauung*, isto é, a cosmovisão determinante da interpretação existencial.

Este artigo tem o intento de ser uma breve introdução à hermenêutica sob a qual os escritos dos três teólogos (Søren Kierkegaard, Paul Tillich e Rudolf Bultmann) possivelmente foram escritos e a perspectiva na qual eles deveriam, assim, ser compreendidos. Este artigo não irá desenvolver os temas teológicos destes pensadores, mas irá mostrar a hermenêutica com a qual estes temas foram desenvolvidos, o pressuposto com o qual

esses teólogos leram e desenvolveram suas teologias. Assim, ele tenta se localizar não na teologia e nem na filosofia, propriamente ditos, mas mostrar justamente o ponto convergente destes dois fundamentos que resultarão na interpretação teológico-existencial.

Como um ser-no-mundo, isto é, um ser inserido num ambiente que influencia seu ser, cada teólogo tem a sua cosmovisão produzida pelo seu determinado contexto. Todavia, apesar desta diversidade de óticas e pontos de partida, pode-se dizer que todos tem o mesmo objetivo, a atualização da teologia a partir da essência cristã. A importância da relação entre um pensador e seu contexto já é apresentada na teoria hermenêutica desenvolvida por Friedrich Schleiermacher, teólogo e filósofo que, levando adiante, mostrará como também o próprio fazer teológico é influenciado por determinado contexto. Esta compreensão, contudo, é aprofundado ontologicamente por Martin Heidegger, para quem todo ser-aí é um ser-no-mundo, isto é, possui uma determinada pré-estrutura do entender e, com isto, uma determinada forma de ver o mundo (*Weltanschauung*).

É desenvolvendo este pressuposto que os teólogos seguintes serão analisados, isto é, como pensadores que buscaram reformular para, e também, a partir da, sua linguagem contemporânea a reflexão da existência humana sob uma determinada perspectiva, a religiosa, ou, mais especificamente, a cristã. Desta forma, pode-se dizer que seu desenvolvimento é o mesmo que os antigos sábios, profetas e teólogos de Israel e cristãos, o ser humano e seu ser-no-mundo sob uma ótica teológica, uma antropologia teológica que utilizou do conhecimento filosófico, teológico e mitológico de seu contexto para buscar, então, as respostas para as questões existenciais do ser humano.

Compreende-se, assim, que o diálogo entre teologia e filosofia precede o desenvolvimento da religião israelita e transcende nossa compreensão de filosofia a partir da perspectiva ocidental. Isso foi estabelecido na modernidade com o estudo exegético bíblico da Crítica das Tradições,

isto é, a relação entre culturas e seus escritos, ressaltando, assim, as assimilações realizadas pelos sábios da tradição israelita. Isto é também apresentado pela estrutura teológica desenvolvida por Schleiermacher onde é explícita a impossibilidade da independência do fazer teológico da filosofia, pela simples razão daquela ter como pressuposto a antropologia, o ser humano fazedor da teologia, ou, mais especificamente, a sua epistemologia, o estudo de como o conhecimento é adquirido.

Destarte, assim como a teologia veterotestamentária e a neotestamentária surgiram a partir do questionamento intrínseco do ser a partir de uma cosmovisão teológica, e do diálogo com outras perguntas e respostas tornando-se, assim, relevantes para seu tempo, a teologia deve continuar com este questionamento e diálogo para que ela não fique estagnada à uma forma, renovando, sempre que necessário e possível, seu conteúdo. O título deste artigo tem por pressuposto a intenção de diferenciar esta perspectiva da simples assimilação teológica de uma linha filosófica, isto é, a compreensão que este artigo quer elaborar é de que o existencialismo destes teólogos é, na realidade, uma filosofia elaborada a partir do cristianismo, ou seja, o desenvolvimento de uma hermenêutica teológico-existencial. Para isto, analisar-se-á o desenvolvimento da perspectiva existencial na teologia a partir de seu precursor Søren Kierkegaard (primeiro ponto), para, então, analisar o desenvolvimento da filosofia existencial *per se* (segundo ponto) como pressuposto para o desenvolvimento dos dois principais representantes desta busca teológica da existência, Rudolf Bultmann (terceiro ponto) e Paul Tillich (quarto ponto).

## 1 SØREN KIERKEGAARD

Como caçula nascido em 1813, na Dinamarca, Søren Aabye Kierkegaard dizia ter nascido adentro uma família amaldiçoada por Deus,

com “a marca de um *trágico destino misterioso*”.<sup>2</sup> (ênfase do autor) Esta maldição, cria já seu pai, seria fruto de algo cometido por ele no passado e o que, apesar de Kierkegaard não saber por completo o que seria tal ação, direciona sua existência. Esta compreensão de uma existência amaldiçoada poderia ser compreendida quando se vê que, dos sete filhos do segundo casamento de seu pai, cinco morrem antes de Kierkegaard (o caçula) que, todavia, faleceu em 1855, com apenas 42 anos de idade. Essa angústia com a vida e com a existência é a característica mais clara de sua personalidade e, sem dúvida, o que direcionou seu pensamento e questionamento sobre o ser. Assim, separar vida e obra, existência e pensamento em Kierkegaard seria um feito que impossibilitaria a sua plena compreensão.

Ademais a esta sombria introdução biográfica, outro fator de fundamental importância é a vida religiosa na qual Kierkegaard cresceu e continuou pelo resto de sua existência. Kierkegaard continha uma espiritualidade que era marcada pelo pietismo e, conseqüentemente, de sua característica individualista e sentimentalista do cristianismo. A vida espiritual de Kierkegaard contribuiu tanto na interpretação dos ocorridos de sua vida, como essas questões com sua família e seu rompimento do noivado com quem era e continuou sendo o amor de sua vida (rompimento até hoje incompreensível em sua totalidade, senão pelo fato de Kierkegaard achar sua vida demasiadamente miserável para trazer alguém a um sofrimento conjugal), que se pode dizer que “seu pensamento é um *pensamento essencialmente religioso*”<sup>3</sup> (ênfase do autor), é uma “*autobiografia teológica*.”<sup>4</sup> (ênfase do autor) Em sua formação, Kierkegaard estudou teologia e tinha o intento de ingressar no ministério, tanto que fez as provas para

---

<sup>2</sup> REALE, Giovanni; DARIO, Antiseri. *História da filosofia: do Romantismo ao Empiriocriticismo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007. v. 5, p. 225.

<sup>3</sup> REALE; DARIO, 2007, p. 228.

<sup>4</sup> REALE; DARIO, 2007, p. 228.

esse ingresso, contudo, apesar de passa-las, nunca levou a cabo seu ministério. Kierkegaard, assim, ficou sendo um “mero” *escritor religioso*.

Filosoficamente, Kierkegaard parte de uma oposição à tentativa hegeliana de um sistema universal que englobasse todos os aspectos do ser, uma síntese teórica última. Esta oposição é herdeira da crítica filosófica já produzida por Schleiermacher ao apresentar sua base epistemológica subjetivista em oposição à tentativa hegeliana de objetivação da epistemologia. Para Schleiermacher, conhecimento objetivo é impossibilitado pela impossibilidade do ser desassociar a função orgânica do conhecimento (a recepção das coisas em si-mesmas) da função formal (a análise e sintetização da recepção). Além de Schleiermacher, outro importante pensador de fundamental influência foi o filósofo Schelling (cujo pensamento era deveras similar ao de Schleiermacher). A filosofia kierkegaardiana é, assim, fruto da filosofia romântica que enfatizava o indivíduo e sua subjetividade (apesar dele não poder ser traçado como um romântico). Na crítica à Hegel, Kierkegaard diz que “Hegel transforma os homens em pagãos, *em raça de animais com o dom do raciocínio...* o ‘indivíduo’ sempre é menos importante do que a raça” (ênfase do autor) e, em contraposição, diz que “a peculiaridade da raça humana está justamente no fato do indivíduo ser criado à imagem de Deus, de ‘o indivíduo’ estar acima da raça.”<sup>5</sup>

O indivíduo, portanto, é o tema central da filosofia de Kierkegaard. Contudo, pode-se ver que o argumento para esta ênfase do indivíduo que contrapõe a raça é teológica, ou seja, o núcleo de seu sistema filosófico, o ponto de partida, é essencialmente teológico. Na perspectiva kierkegaardiana, o indivíduo é o principal argumento contra o contemporâneo sistema filosófico reinante, o hegeliano, que, para ele, se preocupa apenas conceitualmente com o ser, e não com a existência indivi-

---

<sup>5</sup> BROWN, Colin. *Filosofia e fé cristã*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 110.

dual de cada ser<sup>6</sup>, o que, para Kierkegaard é “a lei da existência (que por sua vez é graça) que Cristo instituiu para ser homem”<sup>7</sup>, ou seja, para Kierkegaard, o argumento que invalida a perspectiva filosófica hegeliana do ser é a resposta teológica que diz ao ser: “relaciona-te como indivíduo com Deus.”<sup>8</sup>

Partindo da perspectiva da sobreposição do indivíduo ser ao conceitual, o dever de Kierkegaard é analisar aquele, isto é, “o ‘indivíduo’ [como] categoria através da qual devem passar, do ponto de vista religioso, o tempo, a história, a humanidade”<sup>9</sup>. Nesta análise do indivíduo, ele define a existência em duas vias essenciais: a vida de desespero e a vida autêntica. A primeira, o desespero, é definida como a “doença mortal”, que é a consequência da vida sem fé. A vida autêntica, todavia, é como Kierkegaard definirá a essência da existência, o objetivo último do existir, o rumo ao qual todos devem seguir, e esta é definida como a vida de fé, não através de uma vida religiosa, mas a vida que verdadeiramente dá o “salto da fé” ao encontro com Deus. Como consequência da ênfase no indivíduo e na fé, não há como Kierkegaard não apresentar a espiritualidade cristã como subjetiva, isto é, “o importante é entender-me a mim mesmo, é perceber o que Deus realmente quer que *eu* faça; o importante é achar uma verdade que é verdadeira *para mim*, achar *a idéia* [sic.] *em prol da qual eu possa viver e morrer*”.<sup>10</sup>

Esta vida religiosa subjetiva foi desenvolvida por Kierkegaard, o “escritor religioso”, como contraposição aos “pastores” e “professores” que, ao invés de chamar à fé, buscavam destituí-la de sua eternidade e

---

<sup>6</sup> Esta preocupação com a existência individual de cada ser é o fundamento da razão de Jean-Paul Sartre dizer que “o existencialismo é um humanismo” num livro com este mesmo título.

<sup>7</sup> REALE; DARIO, 2007, p. 229

<sup>8</sup> REALE; DARIO, 2007, 229.

<sup>9</sup> REALE; DARIO, 2007, 230.

<sup>10</sup> BROWN, 2007, p. 109.

buscavam satisfazer o tempo. Assim, para Kierkegaard, as questões existenciais surgem sim do que poderia ser considerado como uma filosofia, todavia, surgem de uma filosofia apenas quando o filosofar é relacionado intrinsecamente com o ser humano e sua existência, sua individualidade. Apesar deste pressuposto, a análise da existência é feita a partir de uma cosmovisão teológica, sendo, assim, uma hermenêutica teológico-existencial. A teologia de Kierkegaard pode ser definida como um cristianismo que “é a defesa da existência do indivíduo, existência que só se torna autêntica diante da transcendência de Deus”<sup>11</sup>, destarte, um cristianismo existencial.

## 2 FILOSOFIA EXISTENCIAL

O movimento filosófico existencial propriamente dito é uma corrente filosófica contemporânea (com ênfase na teologia continental) cujo fundador é geralmente tido como Martin Heidegger (1889-1976) e, mais especificamente, a publicação de sua obra “*Sein und Zeit*”, “Ser e Tempo” (1927). Todavia, como o próprio Heidegger nota, há um precursor dessa filosofia que trabalha as principais questões existenciais que servirão de fundamento para seu sistema existencial, o dinamarquês Søren Kierkegaard.<sup>12</sup>

O existencialismo continua sendo um movimento popular dentro da filosofia, todavia, recebeu conotações “ateísticas” quando foi trabalhada, na França, pelo filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980) em sua obra “Ser e Nada”. Não obstante, pode-se compreender que no fundamento e

---

<sup>11</sup> REALE; DARIO, 2007, p. 228.

<sup>12</sup> Todavia, nenhuma escola filosófica é puramente nova, sendo possível observar fundamentos na filosofia clássica e também no Humanismo, representado acima de tudo pelo movimento do Romantismo. (SPIER, J. M. *Christianity and existentialism*. Translation FREEMAN, David H. Philadelphia, USA: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1953. p.5)

no próprio pressuposto da formulação da essência da filosofia existencial encontra-se a pergunta pelo ser humano e Deus, carecendo, contudo, a hermenêutica sob a qual esta questão é analisada (teísticamente ou ateísticamente). Assim, apesar da via antirreligiosa, o existencialismo pode legitimamente também ser desenvolvido como um movimento teológico cristão.

O ponto de partida para a análise existencial do ser foi “uma difusa crise espiritual na cultura moderna”.<sup>13</sup> Esta crise inicia-se já no movimento que daria a sustentação às críticas à racionalização iluminista do ser feita pelo Romantismo. É neste movimento filosófico que se vê o (re)surgimento das indagações acerca do significado do ser, incluindo, em grande medida, do finito dentro do Infinito, em contraposição à racionalização mecanicista da existência. E foi exatamente esta crítica que deu a oportunidade da reflexão existencial efetivada por Søren Kierkegaard. Na crise moderna estas questões ressurgiram e foram levadas a um extremo pelo advento da Grande Guerra como questionamento último do otimismo antropológico iluminista e romantista.

De forma clara, pode-se dizer que o existencialismo parte do existir. Pode parecer óbvio, mas isto clarifica que o ponto de partida para a reflexão não é o além, mas o aquém, segundo o termo heideggeriano, o *Dasein*, o ser-aí (*ser* – existência; *aí* – situação na qual se encontra). É a partir da análise do ser que, como ressalta Richard Tarnas, questões como o sofrimento, a morte, a solidão, o medo, a culpa, o conflito, o vazio espiritual, a insegurança ontológica, a fragilidade da razão e a condição humana em si passam a ser temas centrais na filosofia<sup>14</sup>. Assim, “o existencialismo dirige sua atenção sobre um *homem finito*, ‘jogado no

---

<sup>13</sup> TARNAS, Richard. *A epopéia do pensamento ocidental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 416.

<sup>14</sup> TARNAS, 2000, p. 416.

mundo' [a facticidade na linguagem heideggeriana], imerso e dilacerado em situações problemáticas ou absurdas".<sup>15</sup>

Martin Heidegger foi o ponto de partida do existencialismo filosófico e cuja vida foi focada na interpretação do sentido do ser, ou, mais especificamente, no ser que pergunta pelo seu ser, interpretação expressa em sua obra *Sein und Zeit* de 1927. Heidegger retoma explicitamente terminologias utilizadas por Kierkegaard, contudo, retrabalha-as com o pressuposto niilista estabelecido pelo também existencialista Friedrich Nietzsche. É importante a análise da filosofia existencial de Heidegger, pois é o sistema existencial predominante na academia alemã, e com quem Bultmann entrará em diálogo direto e receberá e com quem Tillich terá por companheiro de desenvolvimento filosófico. O ser humano, para Heidegger o *Dasein*, um ser "lançado no mundo" (facticidade), um ser único cuja individualidade é averiguada pela interpretação única que ele terá do mundo através de seus próprios pressupostos e suas próprias experiências. Assim, o *Dasein* não é uma *presença* de um ser no mundo, mas uma *experiência* de um ser no mundo. Esta experiência de ser-no-mundo pode ser autêntica ou inautêntica (terminologia kierkegaardiana). Pare Heidegger, a existência autêntica é a que tem consciência de sua finitude, de seu ser-para-a-morte (*sein-zum-tode*), a "*possibilidade de que todas as outras possibilidades se tornem impossíveis*"<sup>16</sup>, e, a partir desta consciência, o ser apreende a possibilidade da existência. A existência é ressaltada no ser-para-a-morte pela razão da morte ser a expressão do nada, o vazio, o sessar da existência que, por sua vez, causa a *angst*, angústia (termo também visto em Kierkegaard). Assim, "existir autenticamente implica ter a coragem de olhar de frente a possibilidade do próprio não-ser, de sentir a angústia do ser-para-a-morte".<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> REALE, Giovanni; DARIO, Antiseri. *História da filosofia: de Nietzsche à escola de Frankfurt*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. v. 6, p. 251.

<sup>16</sup> REALE; DARIO, 2008, p. 207.

<sup>17</sup> REALE; DARIO, 2008, p. 207.

Outra característica deste ser é que sua existência é uma possibilidade, isto é, todo ser é um *poder-ser*, um impulso a algo, *algo* que, todavia, é relativo ao pressuposto com o qual a existência é interpretada. Assim, apesar da centralidade destas questões na reflexão existencial, não se pode esquecer que o “existencialismo não é uma filosofia, mas uma etiqueta para diversas e amplamente divergente revoltas contra a filosofia tradicional”.<sup>18</sup> E é justamente esta diversidade de caminhos e reflexões que mostra o fundamento humano da filosofia existencial, onde seus teóricos vão de Católicos (Pascal) e Protestantes (Kierkegaard), à Anticristãos (Nietzsche) e Ateus (Sartre) interpretando, sob suas *Weltanschauungen*, suas cosmovisões, seu entendimento do que é existir. Destarte, apesar de um ponto de partida e uma estrutura paralela, as diferentes perspectivas terão diferentes respostas a estas indagações, sejam essas de cunho cristão, como vimos em Kierkegaard e veremos em Bultmann e em Tillich, ou atéias, como Sartre, onde o existencialismo “é uma tentativa heroica no sentido de filosofar acerca da vida a partir da premissa de que Deus não existe”.<sup>19</sup>

### 3 RUDOLF BULTMANN

Segundo o teólogo Helmut Koester, “a crítica textual é em geral o primeiro passo para a descoberta e solução de questões relacionadas com a interpretação dos escritos do Novo Testamento”<sup>20</sup>. Com esta citação do pupilo que reflete perfeitamente a posição que seu mestre também teve ao

---

<sup>18</sup> “Existentialism is not a philosophy but a label for several widely different revolts against traditional philosophy” (tradução própria) KAUFMANN, Walter. *Existentialism from Dostoevsky to Sartre*. New York, USA: Meridian Books, 1958. p. 11.

<sup>19</sup> BROWN, 2007, p. 158.

<sup>20</sup> KOESTER, Helmut. *Introdução ao novo testamento*. São Paulo: Paulus, 2005. v. 2, p. 47.

desenvolver sua teologia, inicia-se a análise do exegeta neotestamentário Rudolf Bultmann. Ao estudar teologia, ele é uma figura ilustre com a qual todos serão confrontados, e a posição frente ao desenvolvimento deste teólogo até hoje continua ambígua. Apesar de muitos criticarem-no de ter diluído a mensagem cristã, muitos outros conseguem compreender que sua tentativa de reestabelecer uma interpretação relevante do cristianismo, após as críticas e questionamentos históricos e exegéticos profundos e desconcertantes, foi honrosa.

Rudolf Karl Bultmann (1884-1976), nascido em Wiefelstede, Alemanha, era filho de pastor luterano e vinha de uma linhagem ministerial de ambos os lados familiares. Iniciou seus estudos teológicos em 1903, na universidade de Tübingen, e sua dissertação de licenciatura para o ensino teológico foi feita em 1912. Ele deu aulas na Universidade de Breslau (1916-1920), Universidade de Giessen (1920-1921) e, aonde permaneceu até sua aposentadoria, na Universidade de Marburg (1922-1951) e onde, é importante notar, Martin Heidegger foi seu companheiro com a cadeira de filosofia entre 1923-1928 o que possibilitou que ambos exercessem influências mútuas. É importante perceber que, ao longo de sua vida, apesar de ser possível observar mudanças, sua teologia não é modificada abruptamente, mas há um diálogo e complementação de perspectivas pela qual passa, indo da liberal à dialética. Apesar da importância da vida de um pensador em relação ao seu pensamento, em Bultmann, um fator fundamental é o contexto teológico no qual esteve inserido e o qual exerceu forte influência na sua formulação teológica.

Bultmann pode ser compreendido como um teólogo profundamente comprometido com a mensagem cristã. Esta interpretação é evidente quando o sistema teológico de Bultmann é comparado com os sistemas liberais anteriores. Até cerca de 1920, Bultmann esteve engajado com a teologia liberal, cujas características primárias são “uma abertura à verda-

de e a utilização de métodos científicos na pesquisa”.<sup>21</sup> Esta busca por uma verdade cientificamente comprovada teve por consequência a rejeição de qualquer tradição eclesiástica ou bíblica que não pudesse ser comprovada a partir dos métodos científicos de então. Para a teologia liberal, um dos focos primários foi a busca pelo Jesus de Nazaré, o Jesus histórico que, diferentemente do Cristo criado pelas primeiras comunidades, seria o objeto da pesquisa histórica da teologia. O historiador da teologia Adolf von Harnack foi um dos grandes nomes da teologia liberal. Seu livro, *O que é Cristianismo?* foi um resumo da teologia liberal, e um dos livros que Bultmann aconselhou, no prefácio da segunda edição de 1950, a todo estudante de teologia para compreender o contexto teológico de então e que, segundo o próprio Bultmann, exemplificava a demasiada simplificação do cristianismo produzida pela busca histórica. Resumindo, a hermenêutica estritamente científica de então questionou qualquer interpretação teológica da Bíblia.

Para Bultmann, a busca histórica não é o fundamento da fé, “já que suas conclusões tem apenas validade relativa”<sup>22</sup>, além disso, rejeitou os ideais tradicionalmente liberais do panteísmo de Deus e da perspectiva otimista do homem. Apesar desta crítica de Bultmann à teologia liberal, ele conseguiu reconhecer a importância da pesquisa histórica para a compreensão dos escritos neotestamentários em seu contexto permanecendo com este pressuposto. Assim, não obstante ele ter ido para o movimento dialético da teologia, não conseguiu abrir mão dos profundos questionamentos levantados pela crítica liberal, fazendo com que seu ponto de partida fosse justamente a desconstrução feita pelo método científico da teo-

---

<sup>21</sup> “An openness to truth and the employment of scientific methods in research” (tradução própria). ASHCRAFT, Morris. *Makers of the modern theological mind*: Rudolf Bultmann. Texas, USA: Word Books, 1972. p. 18.

<sup>22</sup> “Since its conclusions have only relative validity” (tradução própria). ASHCRAFT, 1972, p.21.

logia liberal. Deste modo, após toda essa crítica às conclusões da teologia liberal, mas partindo das mesmas ferramentas científicas, Bultmann precisou de uma nova hermenêutica sob o qual os resultados das pesquisas poderiam ser interpretados e por qual o cristianismo pudesse ainda ser relevante. Bultmann, assim, viu a necessidade da atualização da linguagem do Evangelho cristão, do *kerygma*, e, como nova hermenêutica e roupagem, escolheu o existencialismo de seu companheiro, Martin Heidegger.

A recepção da filosofia existencialista necessita ser vista em paralelo com o projeto exegético-hermenêutico da demitologização dos escritos neotestamentários. Como visto, nos pressupostos científicos da teologia liberal, ainda presentes em Bultmann, o objetivo era de criticar e desconstruir o Novo Testamento e sua teologia. Bultmann, todavia, em seu anseio para tornar o cristianismo relevante para o homem moderno, cuja cosmovisão científica não continha mais a linguagem mitológica, percebeu que o único meio para isto seria a interpretação existencial, pois, apesar da nova cosmovisão moderna, em essência, a existência continua a mesma, e, segundo Bultmann, “os escritores do Novo Testamento tinham a intenção de escrever não a arquitetura do universo [referindo-se a uma cosmologia em três níveis: céu, terra e inferno], mas os fatos de sua própria existência.”<sup>23</sup> Bultmann utiliza da perspectiva de mundo (*Welt*) que Heidegger trabalhou, isto é, não uma perspectiva cosmológica, mas existencial, estabelecendo isto como o pressuposto do ser que interpreta os escritos neotestamentários. Assim, apesar de Bultmann descartar a perspectiva liberal da teologia que fez a antropologia subjugar a teologia, ele reconheceu que teologia não pode ser desassociada da antropologia, não há como falar do Totalmente Outro sem falar daquele à qual este se revelou, o ser humano, e é por isso que, para Bultmann, a “teologia se torna

---

<sup>23</sup> “The writers of the New Testament were intending to describe not the architecture of the universe but the facts of their own existence” (tradução própria). ASHCRAFT, 1972, p. 14.

uma questão de falar da existência do homem como determinada pela fé em Deus”<sup>24</sup>, ou, como visto em Kierkegaard, uma existência autêntica do ser na fé.

Bultmann desenvolve sua teologia utilizando explicitamente a linguagem existencialista de Heidegger como ferramenta para falar da essência existencial contida no *kerygma*, linguagem existencialista, então, a partir de uma *Weltanschauung* teológica. Assim, apesar do *Dasein* ser um *in-der-welt-sein*, um ser-no-mundo, ele é um ser-no-mundo orientado por uma fé em Deus, e o que faz Bultmann orientar sua pesquisa sobre “o homem não em sentidos de origem, ou mesmo de destino, mas em termos de uma existência genuína no mundo”<sup>25</sup>, em contraposição à existência inautêntica governada pelo pecado. Para Bultmann, a essência da existência cristã é o *kerygma* de Cristo, a Palavra de Deus que, todavia, está encoberto pela cosmovisão mitológica dos escritores bíblicos, sendo assim o objetivo do exegeta extrair este *kerygma* e interpretá-lo a partir de uma linguagem moderna e existencialista para que a compreensão existencial cristã do ser possa ocorrer.

É vendo o existencialismo cristão de Bultmann como uma linha de continuação que inicia na reflexão existencial do cristianismo de Kierkegaard, que, todavia, é desenvolvido “secularmente” em Heidegger, que pode haver uma crítica a seus críticos que o acusam de estar “reformulando o evangelho nos termos do existencialismo de Heidegger”<sup>26</sup>. O existencial (compreensão de um indivíduo de sua existência) é intrínseco a todo ser sapiencial, o ser humano, por consequência de apenas o ser humano ser um ser consciente, reflexivo, interpretativo, assim, toda e qualquer reflexão teórica *sobre* a existência do ser (seja qual for a hermenêuti-

<sup>24</sup> “Theology becomes a matter of speaking about man’s existence as determined by faith in God” (tradução própria). ASHCRAFT, 1972, p. 23.

<sup>25</sup> “Man not in means of origen, or even destiny, but in means of a genuine existence in the world” (tradução própria). ASHCRAFT, 1972, p. 25.

<sup>26</sup> BROWN, 2007, p. 160

ca) é existencialista. A essência que necessita ser compreendida em Bultmann é o conteúdo, não a forma na qual ele é apresentado. Para Bultmann, a compreensão existencialista é autêntica quando remete a um existencial teológico, uma “existência sob o comando do Deus Criador”<sup>27</sup>, e é por isso que, para ele, para o cristianismo ser existencialista, ele deve ser, antes de tudo, do indivíduo, isto é, ser um cristianismo existencial.

#### 4 PAUL TILLICH

A principal distinção entre o desenvolvimento teológico de Rudolf Bultmann e de Paul Tillich pode ser compreendido pela área teológica percorrida, isto é, enquanto o primeiro foi um exegeta neotestamentário, buscando extrair e interpretar o *kerygma* cristão nos escritos bíblicos para o mundo moderno, o segundo percorreu o que pode ser considerado, desde Schleiermacher, como a teologia filosófica, o desenvolvimento de uma teologia a partir do ser humano que busca o diálogo com todos os campos da existência a partir da cosmovisão cristã, ou seja, “a tarefa da teologia: indagar pelo ser na medida em que se coloca para nós como nossa preocupação última.”<sup>28</sup>

Paul Johannes Oskar Tillich (1886-1965) nasceu em Starzeddel, Prússia, hoje Polônia. Filho de pastor luterano autoritário, cujo reflexo pode ser visto na busca de Tillich por uma libertação de autoridades externas,<sup>29</sup> e de uma mãe que, apesar de ter morrido quando Tillich tinha apenas dezessete anos de idade, exerceu uma influência democrática e um amor pela vida. A admiração pela filosofia grega inicia já no *Gymnasium*, e desde lá buscou o diálogo entre a teologia cristã e a filosofia. Fez seus

<sup>27</sup> “Existence under the demand of God the Creator” (tradução própria). ASHCRAFT, 1972, p. 31.

<sup>28</sup> TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 115.

<sup>29</sup> JONES, Gareth. (Ed.) *The blackwell companion to modern theology*. Oxford, UK: Blackwell, 2004. p. 379.

estudos teológicos em Berlin, Tübingen e em Halle. De seu professor Martin Kähler aprofundou a justificação pela fé de Lutero e a relação da teologia com a cultura. Seu doutorado foi feito em 1910, em Breslau, com um trabalho sobre o filósofo Schelling, e, em 1912 obteve sua licenciatura em teologia de Halle e foi ordenado na igreja luterana. Para Tillich, o momento mais importante de sua vida, segundo ele, seu “*kairos pessoal*”,<sup>30</sup> (ênfase do autor) foi o advento da Grande Guerra, onde atuou como capelão (e, na realidade, também como cozeiro). Em sua carreira acadêmica, Tillich lecionou em Berlim, Marburg, Dresden, Leipzig, Frankfurt, e, após ir em 1933 para os Estados Unidos, por conflitos com o Nacional-Socialismo, no Seminário Teológico Union, em Harvard e no Seminário Teológico de Chicago.

O início da teologia de Tillich é caracterizado pela teologia da cultura, movimento que busca o equilíbrio entre a cultura e a religião, e isto, para ele, sempre foi seu intento: permanecer na tensão entre ser um teólogo da cultura e um teólogo da igreja. A cultura, para Tillich, não pode ser nem heterônima e nem autônoma, mas deve ser uma teonomia, uma “situação religiosa-cultural nas quais as formas humanas de cultura são passadas por um sentido religioso.”<sup>31</sup> Todavia, após a Segunda Grande Guerra, Tillich começa a ver que “a cultura necessitada de um direcionamento teológico era agora uma assombrada por um dramático vazio ou vácuo existencial.”<sup>32</sup> Existencial para Tillich é “a expressão de uma questão articulada das profundezas da condição humana sobre a possibilidade de significado quando o significado está aparentemente ausen-

---

<sup>30</sup> “Personal *kairos*” (tradução própria). TILLICH, Paul, *apud*: TAYLOR, Mark K. (Ed.)

*Paul Tillich: theologian of the boundaries*. London, Great Britain: Colin, 1987. p. 16.

<sup>31</sup> “Religio-cultural situation in which the human forms of culture are pervaded by a religious meaning” (tradução própria). TAYLOR, 1987, p. 17.

<sup>32</sup> “The culture demanding theological address was one now haunted by a dramatic existential void or vacuum” (tradução própria). TAYLOR, 1987, 22.

te”<sup>33</sup> assim, diferentemente de Heidegger, já em seu pressuposto Tillich parte de uma preocupação ôntica, a interpretação existencial, e não a existencialista (a perspectiva subjetiva da existência, e não a objetiva). Desta forma, a preocupação existencial que surge em Tillich é uma que surge do sofrimento humano e de seus próprios questionamentos pessoais, o que está em grande paralelo com o surgimento dos questionamentos existenciais de Kierkegaard. Destarte, a princípio, o desenvolvimento existencial de Tillich surge de sua própria busca existencial, e isto pode ser visto pelo próprio Tillich ao dizer que:

Três fatores que prepararam o terreno para minha aceitação da filosofia existencial. O primeiro foi a minha íntima familiaridade com o período final de Schelling, em que esboçou sua filosofia existencial como resposta à filosofia da essência de Hegel. O segundo foi meu conhecimento, bem que limitado, de Kierkegaard, o autêntico fundador da filosofia existencial. E por último, meu entusiasmo pela “filosofia da vida” de Nietzsche. Esses três elementos estão presentes *também* em Heidegger.<sup>34</sup> (ênfase própria)

Concernente à teologia, Paul Tillich sempre se viu como um teólogo dos limites, ou limítrofe, referindo-se com isto às constantes tensões vividas pelos diversos contextos de sua vida, ou seja, conscientemente, sua teologia reflete sua existência. Assim, na tensão entre significado e não significado da existência, ele entendia que “o dever do teólogo cristão é prover a resposta através da interpretação do poder simbólico da mensagem cristã”.<sup>35</sup> O dever do teólogo é correlacionar os principais símbolos

---

<sup>33</sup> “The expressions of a question articulated from the depths of the human condition about the possibility of meaning when meaning is apparently absent” (tradução própria). JONES, 2004, p. 382.

<sup>34</sup> É fundamental notar que Heidegger aparece quase como um adendo, como um pensador contemporâneo com uma teleologia similar. TILLICH, Paul, *apud*: GOTO, Tommy A. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 98.

<sup>35</sup> “The task of the Christian theologian is to provide that response through the interpretation of the symbolic power of the Christian message” (tradução própria). JONES, 2004, p. 382.

do cristianismo com o ser humano e sua existência, relação que Paul Tillich denomina de Método da Correlação. Para completar este seu dever, o teólogo deve poder analisar a situação humana (cultural, religiosa, política, etc.) e responder às perguntas levantadas com os símbolos cristãos que expressam a existência a partir de Deus, sendo, assim, uma teologia da mediação (*Vermittlungstheologie*). Exemplo claro disto é o conceito de “nova existência” que é possível apenas por Jesus como o Cristo, regeneração que possibilita “um relacionamento correto com *o fundamento do seu ser*”<sup>36</sup>.

Enquanto Bultmann, como exegeta, fez sua teologia a partir do método da demitologização, isto é, interpretar o Novo Testamento, seu *kerygma*, para a linguagem moderna através do uso da terminologia existencialismo, Paul Tillich, como filosófico-sistemático, desenvolveu uma “metódica interpretação dos conteúdos da fé cristã”<sup>37</sup> sob a luz do existencialismo, e, para ele, assim como a pergunta teológica fundamental é acerca de Deus, a pergunta ontológica fundamental é acerca do ser. E, apesar da teologia não poder discutir a questão ontológica propriamente dita, ela deve ter esta por pressuposto. Assim, esses são os dois pontos para a correlação fundamental de uma teologia cristã: a pergunta sobre o ser e a resposta a partir de Deus. Por causa da relação do que, numa linguagem schleiermacheriana, poderia ser denominado de ortodoxia e heterodoxia, Tillich constrói uma teologia “que não é nem dogmática nem estritamente confessional”<sup>38</sup>, mas uma que preenche o requisito teológico da “afirmação da verdade da mensagem cristã e a interpretação desta verdade para cada nova geração”.<sup>39</sup> Teologia, desta forma, é hermenêutica teológico-existencial.

---

<sup>36</sup> BROWN, 2007, p. 165.

<sup>37</sup> TILLICH, Paul, *apud*: JONES, 2004, p. 383.

<sup>38</sup> GOTO, 2004, p. 102.

<sup>39</sup> TILLICH, 2005, p. 21.

O desejo teológico de Tillich não difere muito do de Bultmann. Ambos querem renovar a mensagem cristã para um novo contexto através do existencialismo. Todavia, enquanto Bultmann utiliza explicitamente a linguagem heideggeriana de sua estrutura existencial, Tillich constrói sua teologia a partir de desenvolvimentos próprios do que é existência, utilizando, assim, não tanto os termos, mas a essência existência por detrás deles. Este desenvolvimento é perceptível na correlação do conceito da “situação” tillichiana com o ser-no-mundo heideggeriano, isto é, como o ser humano se encontra e se questiona através de sua situação existencial buscando a compreensão como possibilidade de ser. O questionamento existencial e a interpretação teológica da existência como resposta são apresentados na Teologia Sistemática de Tillich. Desta forma, resumindo, “a questão teológica é a questão de Deus. Deus é a resposta à questão implícita no ser”<sup>40</sup>, e é com isto que Paul Tillich desenvolve sua teologia existencial, cujo objetivo, todavia, não diferia de Kierkegaard ou Bultmann, isto é, o despertar da existência autêntica através de um cristianismo existencial.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A hermenêutica da existência cristã nestes três teólogos mostra a profundidade e a importância do fazer teológico para o ser humano. Suas análises da existência humana foram além das fronteiras eclesiais, chegando ao diálogo com outros pensadores da existência humana. Todavia, o que mais impressiona é sua dedicação ao cristianismo, à mensagem cristã que, após fortes ataques nas análises histórico-críticas, necessitou de outras possíveis perspectivas com as quais seus textos poderiam ser relevantes para o ser humano moderno.

---

<sup>40</sup> TILLICH, Paul, *apud*: GOTO, 2004, p. 130.

A interpretação da existência é tão diversificada quanto a existência em si. Isto é claro quando se vê a multifacetada filosofia existencial. Todavia, apesar desta multiplicidade, os três teólogos analisados conseguiram ser unânimes em apresentar que uma existência autêntica pode ser tida apenas a partir da fé cristã. Assim, seja na linguagem subjetivista e individualista kierkegaardiana, seja na linguagem bultmanniana que quer demitologizar os escritos neotestamentários, ou seja na linguagem tillichiana que vê na mitologia os símbolos para a expressão do mais íntimo da existência, a relevância do cristianismo, ou, pelo menos, uma perspectiva sob a qual ele pode ser interpretado, ainda é possível.

Apesar da importância destas interpretações teológicas da existência que contribuem na resposta àquelas constantes angústias humanas como o sofrimento, a morte, a solidão, o medo, a culpa, o conflito, o vazio espiritual, a insegurança ontológica, a fragilidade da razão e a condição humana em si, a cada nova era o ser humano é confrontado com novos questionamentos. Hoje, um dos mais importantes é o da relação entre teologia e bioética, ramo da ciência que questiona profundamente a compreensão de ser.

Com esses três teólogos aprendemos que a teologia é uma tarefa infundável, e cabe ao teólogo do século XXI fazer os questionamentos pertinentes à sua existência e responde-los teologicamente, fazendo com que a existência possa ser dirigida pela mensagem cristã e, conseqüentemente, fazendo com que o cristianismo possa ser, antes de eclesiástico e denominacional, existencial.

## REFERÊNCIAS

- ASHCRAFT, Morris. *Makers of the modern theological mind: Rudolf Bultmann*. Texas, USA: Word Books, 1972.
- BROWN, Colin. *Filosofia e fé cristã*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova.
- BULTMANN, Rudolf. *Demitologização: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- GOTO, Tommy A. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich*. São Paulo: Paulus, 2004.
- KAUFMANN, Walter. *Existentialism from Dostoevsky to Sartre*. New York, USA: Meridian Books, 1958.
- JONES, Gareth. (Ed.) *The blackwell companion to modern theology*. Oxford, UK: Blackwell, 2004.
- REALE, Giovanni; DARIO, Antiseri. *História da filosofia: do Romantismo ao Empirio-criticismo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007. v. 5.
- SPIER, J. M. *Christianity and existentialism*. USA: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1953.
- TARNAS, Richard. *A epopéia do pensamento ocidental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- TAYLOR, Mark K. (Ed.) *Paul Tillich: theologian of the boundaries*. London, UK: Colin, 1987.
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.